

**A SEMANA – 200\***

29 de março de 1896

No meio das moções, artigos, cartas, telegramas, notícias de conspirações e de guerra, atos e palavras, em qualquer sentido, e por mais graves que sejam as situações políticas e sociais, há sempre alguém que pensa na recreação dos homens. Vede a Inglaterra. “A Inglaterra é o país do *sport*<sup>1</sup> por excelência”, disse o *Jornal do Commercio* de ontem, a propósito da regata entre os estudantes de Oxford e Cambridge, que ontem mesmo se efetuou. O *Jornal* expôs uma planta da parte do Tamisa<sup>2</sup> onde os universitários mediram as forças e, por meio de um fio telegráfico, estabelecido no escritório, pôde dar notícia do progresso da corrida.<sup>3</sup> Não digo nada a este propósito, visto que escrevo antes de começar a regata inglesa. Noto só que nem Dongola, nem Venezuela, nem Transvaal e outras partes arrancam os povos de Londres àquela festa de todos os anos.<sup>4</sup>

Não cubramos a cara. Também aqui, sem temor dos tempos, dois homens pediram ao conselho municipal licença, não para uma só espécie de *sport*, mas para uma ressurreição de todas as idades. Não falo dos cavalinhos e diversões análogas, que são a banalidade do gênero e foram o leite da nossa infância. Também não falo das touradas, senão para dizer que, enquanto a Espanha faz das tripas coração para dominar Cuba,<sup>5</sup> e

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 89, p. 1, 29 mar. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 139-144). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> *sport*] esporte – em SEM1953 (nesta e nas ocorrências seguintes).

<sup>2</sup> Tamisa] Tâmisia – em SEM1953. Preservamos a grafia de GN, que é a registrada no *Vocabulário onomástico da língua portuguesa*. O uso, entretanto, consagrou, entre nós, a forma “Tâmisa”, que não vem registrada no *Vocabulário onomástico*.

<sup>3</sup> A notícia sobre a regata no rio Tamisa, na Inglaterra, pode ser lida no *Jornal do Commercio* do dia 28 de março de 1896 (ano 75, n. 88, p. 2, col. 2): “A Inglaterra é o país do *sport* por excelência. / [...] À porta do escritório da administração do *Jornal* expomos uma planta da parte do Tamisa entre Putney e Mortlake, – distância de quatro milhas, – onde marcaremos o progresso da corrida.”

<sup>4</sup> O cronista se refere a questões de política internacional, todas relacionadas a interesses imperialistas da Inglaterra. As expedições de Dongola e do Transvaal ocorriam na África; a crise entre Inglaterra e Venezuela era motivada por conflitos fronteiriços entre este país e a Guiana Inglesa.

<sup>5</sup> A insurreição em Cuba contra o domínio espanhol culminou com a independência da ilha em 1898. Os jornais cariocas noticiavam com frequência o conflito. (Ver, por exemplo, *Gazeta de Notícias*, ano XII, n. 19, p. 1, col. 1-2.) Machado de Assis mencionou a questão cubana em outras crônicas de “A Semana”.

quebra as vidraças aos consulados norte-americanos com gritos de furor e indignação, nós pegamos dos seus touros e toureiros, e vamos vê-los correr, saltar e morrer, para alegria nossa. Ponho de lado igualmente as corridas de bicicletas<sup>6</sup> e velocípedes, por serem recentes, o que não quer dizer que não tenham graça.<sup>7</sup> Sem circo, dois e mais homens poderão fazer muito bem essas corridas, em qualquer rua larga, como a do Passeio Público, mormente se vier abaixo parte do Passeio, como quer um velho projeto. Não sei se este ainda vive, mas há projetos que não morrem.<sup>8</sup>

Vamos ter... Leitor amigo, prepara-te para lamber os beiços. Vamos ter jogos olímpicos, corridas de bigas e quadrigas, ao modo romano e grego, torneios da idade média, conquista de diademas e cortejo às damas, corridas atléticas, caça ao veado. Não é tudo; vamos ter naumaquias. Encher-se-á de água a arena do anfiteatro até à altura de um metro e vinte centímetros. Aí se farão desafios de barcos, à maneira antiga, e podemos acrescentar que, à de Oxford e Cambridge, torneios em gôndolas de Veneza, e repetir-se-á o cortejo às damas. Combates navais. Desafio de nadadores. Caça aos patos, aos marrecos, etc. Tudo acabará com um grande fogo de artifício sobre água. É quase um sonho esta renascença dos séculos, esta mistura de tempos gregos, romanos, medievais e modernos, que formarão assim uma imagem cabal da civilização esportiva. Se se tratasse de puro e simples divertimento, não creio que fosse obra completa: seria, pelo menos, mui pouco interessante.<sup>9</sup>

Não me pergunteis onde está o gato;<sup>10</sup> obrigar-me-íeis<sup>11</sup> a responder que neste projeto, pendente da votação do conselho, não há gato aparente de espécie alguma. Ao

<sup>6</sup> bicicletas] bicyclettes – em GN. Machado empregou o vocábulo na forma francesa. A palavra foi dicionarizada em português em 1897. (Ver HOUAISS; VILLAR, 2001)

<sup>7</sup> Corridas de bicicletas eram anunciadas em jornais da época. Ver anúncio ao final desta crônica.

<sup>8</sup> O Passeio Público do Rio de Janeiro localiza-se no centro histórico da cidade, próximo à Lapa e à Cinelândia. Nos séculos XVIII e XIX, foi ponto de encontro da população carioca. Foi o primeiro parque ajardinado do Brasil, e foi concebido por Valentim da Fonseca e Silva (1745-1813). A construção iniciou-se em 1783; e, ao longo de sua história, o jardim passou por reformas e intervenções várias. Não localizamos o “projeto de intervenção” a que o cronista se refere.

<sup>9</sup> A notícia a respeito da intenção de dois empresários de construir um “anfiteatro” no Rio de Janeiro circulava em jornais. Ver, por exemplo, no *Jornal do Commercio* do dia 11 abril 1896 (ano 75, n. 102, p. 2, col. 7), a notícia de que extraímos o seguinte trecho: “O Conselho Municipal resolve: / Art. 1º. Fica o Prefeito autorizado a conceder a Eugênio Aurélio Brandão do Vale e o engenheiro José Polônio a necessária licença para construir, por si ou sociedade comercial ou anônima, um anfiteatro, destinado a divertimentos públicos, nesta Capital Federal. [...] / Art. 4º. Em todos os espetáculos haverá um vencedor que receberá da administração um prêmio em dinheiro ou em qualquer objeto de valor.”

<sup>10</sup> Consta dos anedotários a seguinte história: “Um dia, antes de sair para trabalhar no campo, Hoja foi à sua casa e entregou à esposa dois quilos de carne, e pediu que lhe preparasse um bom guisado para o jantar. Durante a ausência de Hoja, o sobrinho da sua esposa veio visitá-la. Muito feliz em recebê-lo, ela convidou-o para um lanche e os dois comeram toda a carne que o marido havia comprado. Quando Hoja voltou, sua esposa lhe trouxe nada mais do que uma rala sopa de cebolas para o jantar. Ele perguntou sobre a carne e ela, evasivamente, respondeu que o gato a roubou e comeu. Imediatamente, Hoja se levantou, pegou o gato e pôs sobre a balança que tinham em casa, que pesou exatamente dois quilos. Olhando severamente para a mulher, Hoja disse: ‘– Agora, se este é o gato, onde está a carne? Mas se aqui está a carne, onde está o gato?’” (HAGE, 2011, p. 51) Uma variante desta anedota foi posta em versos (ver Anexo ao final desta crônica) por Belmiro Braga, poeta contemporâneo de Machado.

<sup>11</sup> obrigar-me-íeis] obrigar-me-eis – em SEM1953.

contrário, se gato é o que o vulgo chama<sup>12</sup> *poule*,<sup>13</sup> há proibição formal de vender esses e outros animais, donde possa resultar jogo. Quando muito, estabelece um artigo que “em todos os espetáculos haverá um vencedor que receberá da administração um prêmio em dinheiro ou objeto de valor.” Um vencedor só para tantas corridas é pouco, mas é econômico; em todo o caso, mostra que não se trata de jogo, mas de luta entre valentes, ágeis e hábeis, e o brio é o único chamariz das festas.

Sabei ainda que os empresários não pedem isenção de impostos; ao contrário, é expresso que os pagarão todos e mais quinhentos mil-réis por espetáculo para três instituições que indica. Uma delas é o teatro municipal. Anualmente haverá um espetáculo em favor do montepio dos funcionários do distrito. Prêmios, impostos, donativos, construção do anfiteatro, mobília, cavalos, carros, gôndolas, encanamento de água para encher a arena, pessoal... Tudo isso quer dizer que a empresa ou companhia (o pedido prevê a hipótese de se formar uma sociedade anônima) conta com grande concorrência pública. Se assim não fosse, não se obrigava a tantas despesas nem perdia a ocasião de fazer uma bonita loteria.

Entretanto, a população está desacostumada desse gênero de *sport*, em que cada um entra com dinheiro e sai sem ele. O uso corrente é trazerem alguns uma parte do que os outros deixam. Atualmente, não contando os vários dromos e loterias de decreto, temos a Companhia Piscatória, Nas Frutas, Brasil, Jardim Lotérico e outras instituições, cujos resultados diários são dados por indicações secretas, algumas com as três estrelinhas maçônicas: (BRASIL: Veado. – NAS FRUTAS: goiaba, G. 20. – JARDIM LOTÉRICO: Ant.: Galo. Mod.: Coelho. Rio.: Porco. Reservado.: Cobra.)<sup>14</sup> Só a Companhia Piscatória usa de expressões adequadas ao nome: “O *coupon*<sup>15</sup> de juros sorteado ontem foi o de n. 7 com 22\$ cada *coupon*.”<sup>16</sup> E como todos os dias há *coupons* sorteados, dá vontade de perguntar quando é que a Companhia Piscatória pesca os seus peixes. Talvez todos os dias.

Realmente, não sei onde é que a empresa de jogos olímpicos irá buscar meios de se manter, prosperar e guardar dinheiro. Os acionistas querem dividendos. É o único desejo destes animais. Se os espectadores, por falta de sorteio piscatório, não forem<sup>17</sup>

<sup>12</sup> chama] drama – em GN. Acatamos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>13</sup> *poule*,] *pule*, – em SEM1953. Machado de Assis empregou a palavra francesa, que significa o dinheiro ganho num jogo.

<sup>14</sup> Nos jornais eram publicados os resultados dos vários jogos. Ver, por exemplo, o *Jornal do Commercio* do dia 4 fev. 1896 (ano 75, n. 35, p. 3, col. 5).

<sup>15</sup> *coupon*] cupom – em SEM1953 (nesta e nas ocorrências seguintes; “cupons” no plural, na última ocorrência).

<sup>16</sup> Na *Gazeta de Notícias* de 26 de março de 1896 (ano XXII, n. 86, p. 2, col. 7), lê-se um exemplo de anúncio da Companhia Piscatória Sul-americana.

<sup>17</sup> forem] foram – em SEM1953.

aos jogos olímpicos e combates navais, onde achará ela<sup>18</sup> os seus meios de viver? Veja o caso de Cunha Sales.<sup>19</sup>

Cunha Sales, inventor do Panteon Ceroplástico, teve certamente a ideia de só gastar cera com bons defuntos; mas acaba de aprender que a podia gastar com piores. Não falo dos propriamente mortos, mas dos vivos, a quem quis ensinar história por meio de uma vista de pessoas históricas. Não podendo fazê-lo de graça, estabeleceu uma entrada, creio que módica; é o que faz qualquer escola de primeiras letras. As mesmas Faculdades libérrimas aceitam o custo da matrícula. A diferença é que alguns dos espectadores do Ceroplástico recebem um prêmio. Creio que foi esta circunstância que lembrou ao governo mandar anular a patente que deu ao inventor. Mas quem é que perdeu o direito de distribuir uma parte do seu ganho? Por dá-lo todo, estão alguns no *Flos Sanctorum*; o nosso inventor, por ficar com uma boa parte, está no *Index*.<sup>20</sup>



---

<sup>18</sup> achará ela] achará – em SEM1953.

<sup>19</sup> O pernambucano José Roberto da Cunha Sales (1840-1903) se intitulava médico, advogado, poeta, empresário de cinema, comerciante, ilusionista e químico industrial. Era um charlatão, inteligente e criativo, que ficou famoso como grande explorador de jogos de azar. Parece que enganou muitas pessoas simples e teve sua patente de inventor cassada pelo governo federal. Ele criou um museu de cera chamado *Panteon Ceroplástico*, com personalidades como Tiradentes e Pedro Álvares Cabral, onde sorteava datas de celebração cívica e distribuía prêmios a quem tinha o mesmo número no ingresso. A polícia prendeu Cunha Sales e invadiu o museu. (*Folha de S.Paulo*, 2 jan. 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0201200514.htm>>) O caso a que se refere o cronista – do *Panteon Ceroplástico* – foi amplamente divulgado em jornais da época. Ver, por exemplo: *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 79, p. 2, col. 4, 19 mar. 1896).

<sup>20</sup> *Flos Sanctorum* é o livro sobre a vida dos santos; *Index* é a lista dos livros condenados pela Igreja. Na *Gazeta*, algumas palavras (poucas) deste parágrafo estão ilegíveis na versão digitalizada disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Nesses casos, valemo-nos da lição de Aurélio.



**Corrida de bicicletas**

FONTE: *Gazeta de Notícias*, ano XXI, n. 43, p. 6, 12 fev. 1895.

**Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

**Referências**

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 89, p. 1, 29 mar. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=13899](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13899)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BRAGA, Belmiro. *Redondilhas*. Rio de Janeiro: Renato Americano, 1934.

HAGE, Wafah Mustafa el. *Humor nas anedotas do Juha*. São Paulo: Universidade de S. Paulo, 2011. [Dissertação de mestrado] Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8154/tde-21082012-101237/pt-br.php>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

**ANEXO**

### ONDE ESTÁ O GATO?

Certo dia, o Padre Veiga  
à criada recomenda:  
– Vai comprar-me ali à venda  
uma libra de manteiga.

Fez-se a compra (o gosto gabo  
da Rita que, sem barulho  
tantos beijos, deu no embrulho  
que, da manteiga, deu... cabo).

Chega o Padre e, ansioso, *grela*  
o guarda-comida e grita:  
– Agora a manteiga, Rita,  
que estou com saudades dela.

Solene, a garganta limpa,  
fecha os olhos e antegoza:  
– Mas que manteiga cheirosa,  
cheirosa, fresca e supimpa!...

Vem a Rita e, com voz meiga,  
toda a tremer, conta o fato:  
– Eu saí... *seu* Padre... e o gato...  
comeu-lhe toda a manteiga...

E o Reverendo, espantado,  
repara o pelo... o focinho...  
as patas... todo o gatinho  
de manteiga enlambuzado...

Concentra-se e diz: – Na *dança*  
eu não vou; não sou beócio;  
vou pôr a limpo o negócio:  
– Para aqui, Rita, a balança!

Põe numa concha uma libra  
e noutra o gato coloca,  
o fiel o prumo toca  
e a balança se equilibra.

Salta a Rita e, alegre, exclama:  
– Conheceu, *seu* Padre Veiga!  
Aí está toda a manteiga  
sem faltar nem uma grama!

E achando-se o peso exato,  
torna-lhe o Padre, gamenho:  
– A manteiga, ei-la aqui tenho,  
mas, Rita, onde está o gato?

[Belmiro Braga]